

## **O GRUPO FOCAL COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO APLICADO A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: AVALIAÇÃO DA ACESSIBILIDADE DE PARQUES**

**Virginia Magliano Queiroz (1); Rosaria Ono (2)**

(1) Mestre, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, vimagliano@usp.br

(2) Professora Titular, Departamento de Tecnologia da Arquitetura, rosaria@usp.br

Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Tecnologia da  
Arquitetura, Rua do Lago, 876, Butantã, São Paulo – SP, 05508-080, Tel.: (11) 3091-4539

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado concluída, que propõe explorar um conjunto de técnicas para avaliação da eficácia da acessibilidade implantada em parques para pessoas com deficiência visual. Na pesquisa foi realizada uma extensa revisão bibliográfica acerca do tema, além da aplicação dos seguintes instrumentos metodológicos da Avaliação Pós-Ocupação (APO): entrevistas, grupos focais, passeios acompanhados e observações participantes. Esta pesquisa possibilitou o aprofundamento sobre as limitações e habilidades das pessoas com deficiência visual, além do entendimento de sua percepção do ambiente, demonstrando ainda o desejo das pessoas com deficiência visual em percorrer espaços com total autonomia, e a real possibilidade desse fato ocorrer, mesmo em locais desconhecidos, desde que haja instrumentos facilitadores de orientação e acessibilidade. Neste artigo são analisados dois grupos focais realizados com pessoas com cegueira e baixa visão, pertencentes ao Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADEVI) e a uma organização não-governamental (Grupo Terra). Este instrumento foi utilizado com o intuito de esclarecer questões levantadas nas entrevistas individuais realizadas anteriormente, visando ainda complementar as informações obtidas e aumentar o tamanho da amostra de indivíduos pesquisados. Este artigo demonstra a viabilidade e a importância de aplicação deste instrumento, mesmo com poucos recursos ou tempo para sua realização e discute sua efetividade para atingir os objetivos propostos.

Palavras-chave: acessibilidade, deficiência visual, parques urbanos, grupos focais.

### **ABSTRACT**

This paper presents some results of a Master's research completed recently that aimed at the study of a group of techniques for the performance evaluation of accessibility in parks and squares for visually impaired persons. A deep bibliographic review about the theme was done, besides the application of the following methodological tools of Post-Occupancy Evaluation (POE): interviews, focus groups, accompanied walks, and participant observations. This research allowed the study and understanding of the abilities and limitations of people with visual impairment and their specific way of environment perception in open spaces, demonstrating the desire of these people to go in spaces with full autonomy, and the real possibility of this fact to occur, even in unknown locations, when adequate guiding tools and accessibility are provided. This paper analyzes two focus groups conducted with people with blindness and low vision, belonging to the Centre for Visually Impaired (CADEVI) and a non-governmental organization (Grupo Terra). This instrument was used in order to clarify issues raised in individual interviews previously carried out, besides the aim of supplement the information obtained and increase the sample size of surveyed individuals. This article demonstrates the viability and importance of the application of this instrument, even with few resources or time for doing it. The effectiveness of this tool in order to reach the research objectives is also discussed.

Keywords: accessibility, visually impaired, urban parks, focus groups.

## 1. INTRODUÇÃO

Definidos como “áreas a que todas as pessoas possam acessar e usufruir a qualquer momento, e onde a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente” (HERTZBERGER, 2006, p.12), os espaços públicos possuem papel fundamental para as cidades, formalmente e funcionalmente, estimulando o lazer e a interação entre os usuários, e melhorando a socialização e a valorização da comunidade.

Representados mais plenamente por parques, estes espaços devem garantir a inclusão social, integração, e a conseqüente socialização da população urbana. Porém, isto não ocorre efetivamente nas cidades brasileiras, pois a maioria dos parques públicos urbanos se apresenta inacessível, não atendendo a toda população de forma satisfatória.

Nos últimos anos, alguns pesquisadores analisaram a acessibilidade destes espaços livres públicos de lazer. Bins Ely e outros (2006) estudam estes espaços, visando deixá-los preparados para receber todas as pessoas, sem exceção. Para isso, estes autores lançam diretrizes que proporcionam integração, independência e conforto aos usuários, incorporando um desenho que não apresenta restrições quanto ao seu uso, orientação e deslocamento. Burjato (2004), por sua vez, em sua dissertação de mestrado, discorre sobre a adequação dos parques públicos urbanos às necessidades das pessoas com deficiência, realizando um estudo de caso sobre o Parque Villa-Lobos (SP).

Porém, segundo Cambiaghi (2007), é fundamental conhecer bem os critérios de elaboração de projetos para cada grupo específico, sejam crianças, idosos, gestantes, estrangeiros ou pessoas com deficiência, para que se possa pensar na integração entre esses grupos, ou seja, “pensar no ambiente como um local de interação a que todos os tipos de seres humanos devem ter acesso e possibilidade de utilizar” (CAMBIAGHI, 2007, p.151). Seguindo esse princípio, Dorneles (2006) realiza um estudo sobre a acessibilidade para idosos, propondo diretrizes projetuais que visam à acessibilidade, segurança pública, conforto e melhor apropriação dos espaços pelos idosos em áreas livres públicas de lazer; Lopes (2005) desenvolve uma metodologia de análise para averiguação da acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida e dificuldade de comunicação, realizando um estudo de caso sobre o Parque da Luz (SP); Dischinger (2000) estuda a acessibilidade espacial para pessoas com deficiência visual em espaços públicos da cidade de uma forma geral, com atenção especial para os centros urbanos, e a orientabilidade destas pessoas; e Valentini (2012) investiga a percepção espacial que as pessoas com deficiência visual têm da paisagem urbana.

A partir de uma revisão bibliográfica aprofundada, brevemente citada acima, identificou-se uma lacuna, percebendo que não havia nenhuma pesquisa voltada à acessibilidade das pessoas com deficiência visual em parques públicos urbanos.

Objetivando identificar as restrições que estes ambientes impõem às pessoas com deficiência visual, bem como conhecer suas necessidades, habilidades e limitações, compreendendo sua percepção do ambiente, realizou-se a pesquisa de mestrado (QUEIROZ, 2014). Neste estudo pretendeu-se ainda verificar a eficácia das questões abordadas nas normas, bem como do que está de fato sendo executado nos espaços públicos em questão, para, a partir do conhecimento adquirido, elaborar contribuições às normas e diretrizes existentes, incluindo de forma mais eficiente a percepção e os elementos cognitivos na orientação e localização no espaço.

Na realização dessa pesquisa, optou-se pela abordagem multimétodos, inicialmente composta por entrevistas com especialistas em deficiência visual e com o próprio público-alvo, além de observações participantes e passeios acompanhados. Em certo momento da pesquisa, sentiu-se a necessidade de aumentar a amostra para além das 26 entrevistas realizadas com as pessoas cegas ou com baixa visão, e a opção foi introduzir o grupo focal no estudo.

Mas, este instrumento não é simples de ser aplicado, exige um planejamento minucioso, a presença de um moderador e de um observador experientes, com habilidades específicas na condução desses grupos de discussão (BERENGER; ELLIOT; PARREIRA, 2012). Adicionalmente, esta pesquisa tratava de um público-alvo com características muito particulares, o que poderia resultar em grupos focais custosos ou que exigissem muito tempo, tornando-os, muitas vezes, inviáveis.

## 2. OBJETIVOS

Este artigo tem como objetivo apresentar a realização de grupos focais com características bem específicas, demonstrando a viabilidade e a importância da aplicação deste instrumento em pesquisas que considerem a opinião do usuário.

Na pesquisa de mestrado em questão utilizou-se deste instrumento não só como um complemento às entrevistas individuais realizadas anteriormente, mas também como uma possibilidade de reunir um pequeno grupo de pessoas com características semelhantes, que enfrentam as mesmas dificuldades e barreiras

impostas pelo ambiente, e trazer à tona suas experiências vividas, identificando aspectos considerados positivos ou negativos para seu deslocamento e orientação no espaço. Dessa forma, além de esclarecer algumas questões levantadas nas entrevistas e aumentar o tamanho da amostra de indivíduos pesquisados, pode-se perceber as reações dessas pessoas frente a determinados aspectos que são colocados pelo pesquisador.

No presente artigo são apresentados dois grupos focais realizados com pessoas com deficiência visual, cegas ou com baixa visão, com algumas adaptações que viabilizaram sua realização com os recursos disponíveis e no prazo estipulado, como a ausência do acompanhamento de um observador; o fato do próprio pesquisador assumir o papel de moderador, mesmo sem experiência anterior; o tamanho reduzido dos grupos; e a pequena quantidade de grupos realizados.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS**

Para realização da referida pesquisa, acreditou-se que a abordagem quantitativa distanciaria o pesquisador do objeto de estudo, por tratar-se de um estudo da relação pessoa-ambiente, onde o objeto de estudo era a pessoa com deficiência visual, e pretendia-se obter informações pessoais, relatos de experiências vividas, além de ter acesso a seus comportamentos naturais.

Optou-se, portanto, pela pesquisa de caráter qualitativo, visando identificar e estudar aspectos subjetivos, pressupondo que a acessibilidade pode ir além das normativas atuais, incluindo, em maior grau, a percepção do ambiente pelas pessoas com deficiência visual. Para tanto, pretendeu-se trabalhar “com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1993, p.22). E é disso que trata a pesquisa qualitativa.

A seleção dos métodos a serem utilizados nesta pesquisa foi norteada pelos princípios da Avaliação Pós-Ocupação (APO), “uma série de métodos e técnicas que diagnosticam fatores positivos e negativos do ambiente no decorrer do uso [...] levando em consideração o ponto de vista dos próprios avaliadores, projetistas e clientes, e também dos usuários” (ROMERO; ORNSTEIN, 2003, p. 26). A APO distingue-se de outros tipos de avaliações por considerar o nível de satisfação dos usuários, sem deixar de lado a análise dos especialistas sobre o assunto, realizando diagnósticos a partir do cruzamento das informações de diferentes fontes.

Com base nos princípios da APO, e considerando que “a complexidade das interações entre pessoa(s) e ambiente requer instrumentos diversos para sua plena investigação, uma vez que nessas relações estão envolvidos desde aspectos diretamente mensuráveis até dimensões subjetivas” (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008, p.75), foi adotada a abordagem multimétodos, com realização de entrevistas, vistorias técnicas, passeios acompanhados, grupos focais e observações participantes.

A partir destes métodos diversos pretendeu-se evitar que apenas alguns aspectos específicos do problema sejam evidenciados, ou que fatores fundamentais fossem deixados de lado, diminuindo as possíveis falhas de algum dos métodos utilizados. Objetivou-se também o aprofundamento do assunto, pois, segundo Gunther, Elali e Pinheiro (2008, p.387), “através de caminhos, métodos diferentes, é possível atingir-se um conhecimento mais aprofundado das relações pessoa-ambiente”.

Segundo Uzzell e Romice (2003 apud GUNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008), em áreas de conhecimento como a arquitetura e o urbanismo, os métodos devem ser analisados em conjunto, pois, “individualmente cada um destes métodos produz informações sobre um aspecto da experiência ambiental; em conjunto, podem oferecer uma representação holística e continuada da experiência ambiental dos indivíduos”.

Neste artigo são abordados apenas os grupos focais, destacando-se planejamento, execução e resultados obtidos, visando auxiliar futuras aplicações deste instrumento em novos estudos.

#### **3.1. Grupos Focais**

Os grupos focais são, basicamente, entrevistas realizadas com um grupo homogêneo de pessoas. Morgan (1996, p.130) define grupo focal como uma “técnica de pesquisa que coleta dados por meio da interação grupal, sobre um tema determinado pelo pesquisador”, e Ressel et al. (2008, p.780), como “grupos de discussão que dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate” (RESSEL et al., 2008, p.780). O tema e os estímulos para o debate são estabelecidos pelo pesquisador que, na maioria das vezes, é também o moderador do grupo – entrevistador com função de moderar ou conduzir a discussão.

O moderador tem ainda o importante papel de “evitar que a discussão seja monopolizada por um dos

membros, inibindo ou influenciando todo o grupo” (GUNTHER, 2008, p. 59), garantindo que todos os participantes se expressem, encorajando e incentivando a discussão, sem interferir no ponto de vista dos participantes. Juntamente com o moderador, o observador tem papel fundamental, ele “deve cultivar a atenção, auxiliar o moderador na condução do grupo, tomar nota das principais impressões verbais e não verbais, estar atento à aparelhagem audiovisual; além do mais, deve ter facilidade de síntese e de análise e capacidade para intervenção” (BERENGER; ELLIOT; PARREIRA, 2012, p. 249).

A ideia deste instrumento é promover a discussão, em grupo, acerca de um tema, favorecendo trocas, descobertas, manifestações espontâneas, e oferecendo uma maior descontração aos participantes, possibilitando uma vivência de aproximação com o público-alvo.

O grupo focal apresenta um caráter qualitativo e tem como objetivo a obtenção de apontamentos sobre pontos de vista ou experiências vividas pelos membros do grupo em relação aos tópicos previamente estabelecidos pelo pesquisador.

Segundo Morgan (1996), este instrumento pode vir como um complemento às entrevistas individuais realizadas anteriormente, auxiliando na interpretação dos resultados da pesquisa. “Tal atitude permitirá ao pesquisador explorar questões surgidas na análise das entrevistas, visando esclarecer áreas que ainda apresentam pontos de vista obscuros” (OLIVEIRA; FREITAS, 1998, p.85).

Foi com este objetivo, de esclarecer questões levantadas nas entrevistas individuais, que os grupos focais foram selecionados para esta pesquisa; somando-se a este objetivo, o intuito de complementar as informações obtidas e aumentar o tamanho da amostra de indivíduos.

Os grupos focais apresentam estrutura bem definida, sendo necessário estabelecer o perfil dos participantes, a quantidade de grupos a serem realizados, bem como a quantidade de participantes por grupo, além do roteiro a ser utilizado na sessão.

Primeiramente, estabeleceu-se que seriam realizados dois grupos focais, centrados, respectivamente, nos frequentadores do CADEVI (Centro de Apoio ao Deficiente Visual) e do Grupo Terra (organização não-governamental), ambos voltados às pessoas com deficiência visual. Optou-se pela seleção de participantes que já se conhecem, e frequentam o mesmo grupo, apesar de Oliveira e Freitas (1998, p.87) defenderem que é melhor trabalhar com estranhos, pois “normalmente, as pessoas que se conhecem, socialmente ou do trabalho, apresentam dificuldades em se concentrar imediatamente no tópico da pesquisa e essa condição pode, também, inibir ou restringir suas perspectivas (comentários)”.

Esta opção justificou-se pelo público-alvo em questão. Tratando-se de pessoas com deficiência visual, é importante que elas conheçam as pessoas que estão ao seu redor, e possam reconhecer suas vozes, para que se sintam confortáveis e mais à vontade para emitirem suas opiniões a respeito do tema. Problemas referentes à falta de concentração devem ser evitados pelo mediador.

A homogeneidade do grupo foi garantida pela deficiência visual presente em todos os participantes, e a diversidade estava contida nas diferentes causas da perda visual e tempo que convivem com ela, bem como os diferentes graus de deficiência – da baixa visão à cegueira.

Quanto à quantidade de participantes por grupo focal, “é recomendável que os grupos tenham tamanho médio, isto é, sejam constituídos por seis a dez pessoas”, mas “os limites extremos para a quantidade de participantes por grupo seriam de quatro, no mínimo, e doze, no máximo” (OLIVEIRA; FREITAS, 1998, p.87). Segundo Morgan (1996):

Por um lado, um grupo menor oferece a cada participante mais tempo para discutir seus pontos de vista e experiências sobre temas em que todos estão altamente envolvidos. Por outro lado, um grupo maior contém uma ampla gama de respostas potenciais em temas onde cada participante tem um baixo nível de envolvimento (MORGAN, 1996, p.146).

Oliveira e Freitas (1998, p.87) mencionam a importância de compor um grupo “pequeno o suficiente para todos terem a oportunidade de partilhar suas percepções e grande o bastante para fornecer diversidade de percepções”. Considerando todos estes apontamentos, e a inexperiência do pesquisador como moderador, um grupo muito grande poderia apresentar grande dificuldade de gerenciamento. Além disso, pretendia-se identificar o pensamento de cada participante, sendo aconselhada a utilização de grupos menores. Desta forma, optou-se por grupos de seis pessoas.

O roteiro foi preparado de acordo com o objetivo da pesquisa e a metodologia que seria utilizada, definindo-o como um roteiro semiestruturado pré-estabelecido, contendo tópicos e questões abertas, para ser realizado com um grupo focal de seis pessoas, num período de uma hora. As questões e os tópicos pré-estabelecidos encontram-se na Figura 1, mas, tratando-se de um roteiro semiestruturado, poderiam sofrer modificações conforme o andamento do grupo focal.

Todas as questões foram formuladas visando à identificação da relação dos participantes com os parques da cidade, percebendo se a frequência com que visitam estes espaços alterou-se com a perda da

visão, e os motivos que os fazem frequentá-los com maior ou menor intensidade. Pretendeu-se ainda descobrir participantes que têm conhecimento suficiente para se deslocar com autonomia e independência em algum parque, para um possível passeio acompanhado a ser realizado posteriormente. Ao final, os tópicos para discussão objetivaram perceber o que cada um conhece dos instrumentos de acessibilidade atualmente disponíveis, ou sugeridos nas entrevistas realizadas (Braille, informações sonoras, audiodescrição, piso tátil, mapa tátil, monitores qualificados), estimulando-os a discorrer sobre estes elementos.

Com o roteiro estabelecido, partiu-se para a verificação da possibilidade de realizar os grupos focais no CADEVI e no Grupo Terra, citados anteriormente. Com o decorrer da pesquisa, o pesquisador aproximou-se dos frequentadores destas duas entidades, participando de atividades e realizando observações participativas (QUEIROZ, 2014). Esta aproximação facilitou o processo, visto que já havia um vínculo de confiança estabelecido com os possíveis participantes do grupo focal, e também com as instituições em questão.

As sessões foram agendadas com os colaboradores, definindo-se dia, horário e local do encontro. Estas informações foram confirmadas dias antes, por telefone, visando estimular a presença de cada um dos selecionados.

Por tratar-se de pesquisa contendo experimentação com seres humanos, foram considerados aspectos éticos, conforme observado por Elali (2010), e providenciado, também, o Termo de Consentimento, que foi apresentado a cada participante do grupo focal, no início das sessões, com os devidos esclarecimentos sobre a pesquisa ora em andamento.

Antes do início do grupo focal, de fato, foi realizada ainda uma breve apresentação dos tópicos a serem abordados e comunicado que a sessão seria filmada. Regras básicas foram apresentadas, como a necessidade de todos emitirem suas opiniões, de somente uma pessoa falar por vez, e de não existirem conversas paralelas. Após essa introdução, todos foram convidados a se apresentarem, informando nome, idade, tempo que frequenta a instituição, grau de deficiência visual (cegueira ou baixa visão), causa e tempo da perda visual. Esta etapa de autoapresentação, segundo Oliveira e Freitas (1998), serve para “quebrar o gelo” entre os participantes.

**I - Autoapresentação dos participantes** (Nome / Idade / Tempo que frequenta a instituição / Grau de deficiência visual - cegueira ou baixa visão / causa da perda visual / tempo da perda visual)

## **II - Discussão**

- 1) Gostam de ir aos parques?
- 2) Com que frequência costumam ir aos parques? Mudou com a perda da visão? Iam mais? Por quais motivos?
- 3) Qual parque vocês vão com maior frequência? Por quê?
- 4) Vai sozinho ou acompanhado? Se acompanhado, por quem?
- 5) Fazem o caminho que querem e realizam as atividades que desejam? Ou seguem as vontades do acompanhante?
- 6) Já foram em algum parque onde se sentiram perdidos? Comentem essa experiência.
- 7) Conhecem suficientemente algum parque para andar sozinho e guiar alguém por ele?
- 8) O que gostam de fazer no parque? Quais atividades?
- 9) O que mais vocês gostariam que um parque tivesse?
- 10) O que tornaria um parque acessível para vocês? O que daria mais segurança e autonomia no deslocamento?
- 11) Tópicos para discussão (focado nos parques):
  - Informações em Braille;
  - Informações sonoras;
  - Audiodescrição;
  - Piso tátil;
  - Mapa tátil;
  - Monitor qualificado;
- 12) Em relação aos aspectos ligados a percepção, sons e cheiros naturais, sombras e vegetação, auxiliam no deslocamento e orientação dentro dos parques?

**III - Comentários finais dos participantes sobre o que foi discutido**

Figura 1 – Roteiro do Grupo Focal.

Com as apresentações devidamente realizadas, o moderador apresentou o primeiro tópico, tendo início a discussão propriamente dita. Após esgotar-se essa discussão foi introduzido o segundo tópico, e assim sucessivamente. Ao término dos tópicos listados previamente, o moderador solicitou que cada participante fizesse um comentário final sobre o que foi discutido, finalizando a sessão.

É importante destacar que o moderador exerceu seu papel facilitando as discussões, encorajando depoimentos, assegurando que todos os participantes tivessem espaço para se expressar, e mantendo o foco da discussão, falando pouco e ouvindo mais.

Diante da falta de disponibilidade de tempo e compatibilização de agendas não foi possível o acompanhamento de um observador nos grupos focais. Solucionou-se esta questão com a utilização de uma filmadora, que foi posicionada em local estratégico, sobre um tripé, registrando toda a interação grupal e possibilitando uma posterior observação criteriosa das principais impressões verbais e não-verbais, pelo próprio moderador / pesquisador. Quanto às demais funções do observador, acreditou-se que o pesquisador / moderador conseguiria suprir sua ausência e conduzir perfeitamente as discussões, estando ainda atento à aparelhagem audiovisual, o que de fato ocorreu.

Após a realização dos grupos focais, o áudio das filmagens foi transcrito, e unido às anotações e reflexões do moderador. O tratamento dos dados se deu através da leitura e sistematização de todo o material, agrupando, ordenando e categorizando os dados “a partir do destaque de temas ou padrões recorrentes” (RESSEL et al., 2008, p.782).

### 3.2. Descrição da Amostra

O primeiro grupo focal foi realizado no dia cinco de outubro de 2013, no CADEVI, com cinco de seus frequentadores, sendo três com cegueira e dois com baixa visão. Inicialmente seriam seis participantes, mas uma pessoa com baixa visão que havia confirmado presença não compareceu, e o pesquisador optou por dar prosseguimento ao grupo focal, pois haveria dificuldade em reunir novamente todas as pessoas que já ali estavam.

O CADEVI disponibilizou sua sala de reuniões, o que contribuiu para privacidade dos participantes, deixou-os à vontade, e ainda impediu que ruídos externos atrapalhassem o desenvolvimento do grupo focal, que teve duração de uma hora e quarenta minutos (FIGURA 2).

O segundo grupo focal ocorreu no dia vinte de outubro de 2013, no Parque da Juventude, com frequentadores do Grupo Terra (FIGURA 3). Apesar dos ruídos do parque terem dificultado um pouco a transcrição da gravação, o ambiente do parque deixou-os bastante à vontade, um ponto positivo para a discussão proposta que teve duração de uma hora.

Para esse grupo focal foram selecionados três participantes com cegueira e três com baixa visão, visando abranger a maior variedade possível de pessoas com deficiência visual.



Figura 2 – Grupo Focal 01 – CADEVI.



Figura 3 – Grupo Focal 02 – Grupo Terra.

Em ambos os casos, após a leitura dos objetivos da pesquisa e do termo de consentimento, foi dado o aviso sobre a filmagem e gravação, e foram informadas as regras básicas do grupo focal, que inclui a necessidade de que todos falem, que seja um de cada vez, e que não haja conversas paralelas.

Com todos os esclarecimentos feitos e o consentimento dos participantes, iniciou-se de fato o grupo focal com a autoapresentação dos participantes, que são aqui chamados por letras para preservação de suas identidades, como pode ser observado no Quadro 1.

Após a realização dos grupos focais, as gravações foram transcritas (QUEIROZ, 2014), e partiu-se para a sistematização dos dados, agrupando, ordenando e categorizando as informações obtidas, identificando os temas de destaque e os padrões recorrentes.

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Participaram dos grupos focais, homens e mulheres, com idades entre 23 e 65 anos, com baixa visão e cegueira, seja congênita ou adquirida. As causas das perdas visuais foram as mais diversas, e o tempo de perda variou entre a perda congênita e apenas seis anos de perda visual.

Para facilitar a compreensão da análise, optou-se por seguir a ordem estabelecida no roteiro (Figura 1), o que não pôde ocorrer na descrição dos grupos (QUEIROZ, 2014), onde todos os assuntos foram abordados, mas de acordo com a sequência que apareciam naturalmente na discussão.

Sobre o interesse dos participantes por parques, todos, sem exceção, afirmaram gostar de parques. Independentemente dos passeios organizados por ONGs ou por centros de apoio, apenas dois participantes afirmaram frequentar parques, um por ser próximo à sua casa, outro por ter trabalhado décadas no interior de um parque.

O questionamento sobre a mudança de interesse por parques com a perda visual trouxe um dado interessante, pois, dois participantes mostraram ter experiências totalmente opostas. Enquanto um frequentador de parques parou de fazê-lo quando ficou completamente cego, outra passou a frequentar parques somente após perder a visão por completo. O primeiro justificou a mudança pela falta de mobilidade e segurança, já que ia ao parque sozinho, e agora não acredita ser possível fazê-lo. Já a segunda afirmou que, com a perda visual, passou a se interessar por muitas atividades que antes não lhe atraíam, e frequentar parques é uma delas. Outros participantes acreditam que isso se deve ao leque de atividades disponíveis, que diminui consideravelmente com a cegueira, fazendo com que a pessoa precise buscar novas alternativas.

PERFIL DOS PARTICIPANTES DOS GRUPOS FOCALIS							
	Identificação	Sexo	Idade (anos)	Qualidade da Perda	Causa da Perda	Perda em anos	Tempo que frequenta o Centro / ONG
GRUPO FOCAL 01	GF-01	Masc.	35	Cego com percepção de luz	Retinose Pigmentar	06	10 anos
	GF-02	Masc.	54	Baixa Visão	Atrofia no nervo óptico	22	08 anos
	GF-03	Fem.	37	Cego total	Descolamento de retina – Diabetes	12	01 mês
	GF-04	Masc.	58	Baixa Visão	Diversos problemas	Congênito	30 anos
	GF-05	Masc.	62	Cego total	Acidente com arma de fogo	57	25 anos
GRUPO FOCAL 02	GF 06	Masc.	37	Cego com percepção de luz e vultos	Miopia / Glaucoma / Descolamento de Retina / Catarata / Retinopatia	10	07 anos
	GF 07	Masc.	40	Baixa Visão	Medicamento durante gestação da mãe	Congênito	09 anos
	GF 08	Masc.	46	Cego total	Glaucoma	11	02 anos
	GF 09	Masc.	65	Cego total	Queimadura com Cal	58	10 anos
	GF 10	Fem.	23	Baixa Visão	Meningoencefalite	Congênito	08 anos
	GF 11	Masc.	33	Baixa Visão	Raio X durante a gestação da mãe	Congênito	11 anos

Quadro 1 – Informações referentes aos participantes dos grupos focais.

Todos os participantes declararam que não frequentam parques sozinhos, e nenhum se arrisca, nem mesmo os que possuem baixa visão. Esses, apesar de afirmarem que conseguem se virar bem nos parques, revelaram não visita-los sozinhos. Todos, sem exceção, vão aos parques apenas acompanhados, e afirmaram ser ambientes muito complicados para pessoas com deficiência visual, principalmente para os cegos. Eles também afirmaram que estes espaços são muito amplos, abertos, sem pistas, referências ou guias de balizamento que possam auxiliá-los no deslocamento e orientação. Além disso, houve menção à grande movimentação existente nos parques, onde, muitas vezes, pedestres, ciclistas, skatistas e patinadores dividem o mesmo espaço.

Apesar de estarem sempre acompanhados de algum vidente, seja parente, amigo, ou um grupo, eles afirmaram não ter problemas em realizar as atividades que desejam ou lhe interessam, revelando que tudo é

sempre conversado, e entra-se num acordo sobre os caminhos e atividades que serão realizadas no parque.

A atividade que todos os participantes mais gostam de realizar no parque é a caminhada. Outras também foram mencionadas, como corrida, atividades físicas e piquenique, além de alguns citarem que gostam da interação com outras pessoas, de conversar, e também do contato com a natureza.

Quando o assunto é a acessibilidade dos parques e o que ofereceria mais segurança e autonomia para as pessoas com deficiência visual no seu deslocamento, as soluções surgiram naturalmente ao longo da realização do grupo focal, mas serão reunidas aqui para uma melhor leitura e compreensão.

O ponto mais falado pelos dois grupos foi o monitor qualificado. Os participantes afirmaram ser necessário treinar os funcionários dos parques, capacitando-os a atender todas as pessoas que necessitam, sejam elas com deficiência, idosos, estrangeiros, ou visitantes que estejam indo pela primeira vez ao parque. O primeiro grupo sugeriu que fosse feito como no metrô, e aproveite-se a mão-de-obra dos jovens, nos programas do governo, de Menor Aprendiz e Primeiro Emprego. Já o segundo grupo sugeriu a contratação de profissionais de educação física, que além de auxiliarem na orientação dentro do parque, ainda poderiam auxiliar na realização de atividades físicas da maneira correta, assessorando quem precisar, e evitando acidentes na utilização dos aparelhos de ginástica existentes nos parques. E ainda mencionou a importância desses profissionais utilizarem um uniforme com cores chamativas, para que sejam facilmente localizados pelas pessoas com baixa visão.

Os dois grupos mencionaram também a adoção de algum tipo de agendamento para utilização destes serviços, seja por telefone, ou pela internet, garantindo que em dia e horário pré-agendados, terá um monitor disponível para atendê-lo.

As informações táteis, incluindo pisos e mapas táteis, também foram citados por todos. Destacou-se a necessidade de instalar os pisos sempre combinados a outros tipos de informações, visto que ele, sozinho, não permite à pessoa com deficiência visual saber onde está, para onde vai, ou quais atividades estão disponíveis ao seu redor. E quanto aos mapas táteis, destacou-se que deve ter apenas as informações principais, para não ficar confuso, e ainda deve estar muito bem localizado, em um local de fácil acesso, acessível, e divulgado aos visitantes.

Uma última sugestão presente nos dois grupos diz respeito à educação da população. Todos concordaram que se deve informar e esclarecer melhor a população sobre as pessoas com deficiência visual, suas necessidades, e principalmente sobre as peculiaridades relacionadas ao seu deslocamento. Falta respeito, mas muito se deve à falta de informação e orientação. Muitos não sabem o que é o piso tátil ou para o que serve, e por isso, param sobre eles para conversar ou até mesmo para formar uma fila. Os meios-fios laterais, nos parques, são utilizados como guias de balizamento e as pessoas precisam saber disso, pois, caso contrário, continuarão a encostar carrinhos, bicicletas ou brinquedos de crianças, além de permanecerem conversando nas laterais, em pé ou sentadas nos meios-fios. As guias e os pisos táteis devem ser respeitados e as bengalas também, pois são inúmeras as reclamações de chutes ou esbarrões nas bengalas das pessoas cegas, que chegam a amassar ou até quebrar muitas delas. Somente informação, educação e conscientização farão com que a população, de maneira geral, respeite a pessoa com deficiência visual e seu espaço, e as ajude da maneira correta, quando necessário.

O primeiro grupo falou ainda, por conta própria, das informações em Braille, mencionando a sua importância, desde que sejam informações curtas, e falou também das letras ampliadas, que devem estar presentes na sinalização do parque, em locais de destaque, com cores contrastantes. O segundo grupo apenas se manifestou quando o pesquisador os questionou, mas apresentou posição semelhante, afirmando a importância do Braille, desde que esteja bem localizado, e tenha sua localização informada, pois, se houver uma inscrição em Braille, mas o cego não souber onde está, de nada adianta.

Quando falava sobre o Braille, o primeiro grupo destacou a importância das informações sonoras, visto que muitas das pessoas com deficiência visual desconhecem o Braille, não possuem fluência em sua leitura ou apresentam dificuldades devido aos problemas de sensibilidade nas extremidades, causados pela diabetes. As sugestões que surgiram variavam, desde totens com botões que, quando acionados, fornecessem a informação necessária, até uma sequência de sons que fosse emitida em toda a extensão da pista de caminhada, permitindo a realização do percurso com autonomia. As informações sonoras não apareceram naturalmente na discussão do segundo grupo, mas quando o pesquisador propôs este tópico para discussão, todos concordaram que informações sonoras auxiliam no deslocamento, porém destacaram a importância de não serem sons muito altos, para que não caracterizem poluição sonora.

O único tópico que havia sido proposto pelo pesquisador para discussão e não surgiu naturalmente em nenhum dos grupos focais foi a audiodescrição. Quando o tema foi exposto ao grupo, as opiniões foram muito semelhantes, pois todos concordaram que funcionaria em parques, e seria muito interessante existir algo desse tipo, mas desconhecem locais que ofereçam audioguias com audiodescrições dos espaços.



A última questão levantada pelo pesquisador referiu-se aos aspectos naturais ligados à percepção, como sons e cheiros naturais, sombras e vegetação, e se estes elementos poderiam auxiliar no deslocamento e orientação dentro dos parques. Os dois grupos apresentaram opiniões muito semelhantes, afirmando que sons e cheiros naturais poderiam auxiliar, desde que fossem permanentes, e que estivessem sempre presentes, e no mesmo local. Visto que os fenômenos naturais apresentam sazonalidades, e quase tudo é passageiro, é difícil se guiar ou orientar por esses elementos. No primeiro grupo, os participantes ainda mencionaram que cheiros, nos parques, não são tão facilmente percebidos como nas vias urbanas. Destacaram ainda que conseguem identificar locais sombreados ou ensolarados, saber se é uma vegetação arbustiva ou árvores grandes, e perceber que tipo de caminho percorrem, mas essas não são referências confiáveis, pois o dia pode estar nublado, as árvores podem estar sem folhas, e tudo na natureza acaba sendo muito variável.

Os participantes do primeiro grupo ainda fizeram uma colocação muito relevante, em relação à percepção, defendendo que é algo que varia muito de pessoa para pessoa, e ainda depende da atenção do indivíduo naquele determinado momento. Como nos parques a ideia é estar relaxado e distraído, não se pode contar muito com percepções que exijam muito da atenção.

O pesquisador acrescentou uma última pergunta ao segundo grupo, perguntando se eles iriam ao parque sozinhos, caso as soluções discutidas fossem implantadas. Todos afirmaram que sim, e um participante declarou, inclusive, que este fato motivaria muitas pessoas com deficiência visual a frequentar parques.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados obtidos nos grupos focais foram essenciais para ressaltar a importância dos parques como espaços de lazer para as pessoas com deficiência visual, e a atual falta de acessibilidade destes espaços. Os participantes demonstraram ser necessário tornar todo o parque acessível, assim como seu entorno, pois desejam chegar ao parque e percorrê-los, com autonomia e independência, para assim poderem levar seus filhos ao parquinho infantil, fazer um piquenique com outras pessoas com deficiência visual, namorar embaixo de uma árvore, ou simplesmente realizar uma caminhada sem precisar convencer alguém a acompanhá-lo.

Os grupos focais tiveram que ser levemente adaptados para serem aplicados às pessoas com deficiência visual, sendo realizados com participantes que se conhecem, apesar da orientação para realização do grupo focal ser que sejam pessoas desconhecidas, visto que conhecidos podem se desconcentrar e ter suas perspectivas restringidas ou inibidas. As pessoas com deficiência visual necessitam conhecer e reconhecer as vozes a seu redor para se sentirem à vontade e confortáveis para expressar suas opiniões sobre quaisquer assuntos. O moderador foi capaz de evitar e resolver os problemas prováveis dessa proximidade e intimidade entre os participantes, mantendo o foco e a concentração de todos nas discussões.

Outra questão relevante destes grupos focais foi a ausência da figura do observador, devido à limitação dos recursos financeiros disponíveis, à ausência de tempo e de compatibilização de agendas com possíveis voluntários, e ainda à provável inexperiência destes, o que poderia comprometer o resultado final dos grupos focais. Como previsto pelos pesquisadores, essa ausência foi suprida pela utilização da filmadora, estrategicamente posicionada, que registrou toda a interação grupal, possibilitando que o moderador pudesse, num segundo momento, assistir à filmagem e assumir o papel do observador, detectando as principais impressões verbais e não-verbais.

Apesar da ausência de experiência do pesquisador como moderador, este conseguiu conduzir as discussões de forma adequada, encorajando depoimentos, assegurando que todos os participantes se expressassem, e mantendo o foco da discussão, falando pouco e ouvindo mais. Além disso, o pesquisador precisou ficar atento à aparelhagem audiovisual, tarefa que seria de responsabilidade do observador.

O tamanho reduzido dos grupos facilitou essa moderação, como previsto. Infelizmente um dos grupos teve um participante faltante, ficando com um número abaixo do esperado (cinco participantes), mas acredita-se que essa redução do número total de participantes não interferiu no resultado final do grupo.

Este artigo demonstra ser possível, viável e importante a aplicação de grupos focais em pesquisas onde se visa à obtenção da opinião dos usuários. Os grupos focais contribuíram com conhecimentos sobre percepção e cognição das pessoas com deficiência visual, bem como para identificação de pontos positivos e negativos dos parques no que tange à acessibilidade, chegando às recomendações para os mesmos.

Este instrumento foi fundamental, ainda, para aumentar a gama de entrevistados, além de possibilitar que fossem exploradas algumas das questões levantadas nas entrevistas individuais. Estimulando a discussão e o diálogo entre os participantes, essa ferramenta os faz refletir, surgindo novas opiniões e ideias, mais embasadas, que serviram para reforçar e confirmar muitas das respostas individuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERENGER, Mercêdes Moreira; ELLIOT, Ligia Gomes; PARREIRA, Artur. Grupo Focal. In: ELLIOT, Ligia Gomes (Org.). **Instrumentos de avaliação e pesquisa: caminhos para construção e validação**. Rio de Janeiro: Wak Editora, p. 229-279, 2012.
- BINS ELY, Vera Helena Moro; DORNELES, Vanessa Goulart; SOUZA, Juliana Castro; ZOCCOLI, Ani; WAN-DALL JUNIOR, Osnildo Adão. **Jardim Universal: Espaço Livre Público para todos**. ABERGO - Associação Brasileira de Ergonomia – Curitiba/ PR, 2006.
- BURJATO, Ana Lucia Pinto de Faria. **Parques Acessíveis – um direito de cidadania. Aplicação de procedimentos para avaliação do projeto implantado: o caso do Parque Villa Lobos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- CAMBIAGHI, Silvana Serafino. **Desenho Universal - métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- DORNELES, Vanessa Goulart. **Acessibilidade para idosos em áreas livres públicas de lazer**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- DISCHINGER, Marta. **Designing for all senses: accessible spaces for visually impaired citizens**. Göteborg, Sweden, 2000. 260f. Thesis (for the degree of Doctor of Philosophy) – Department of Space and Process School of Architecture, Chalmers University of Technology, 2000.
- ELALI, Gleice Azambuja. Avaliação Pós-Ocupação e responsabilidade social: uma relação a ser sempre (re) discutida. **Revista Gestão & Tecnologia de Projetos [GTP]**. Volume 5, nº 2. Novembro, 2010.
- GUNTHER, Isolda de Araújo. O uso da Entrevista na Interação Pessoa-Ambiente. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GUNTHER, Hartmut (Orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 53-74.
- GUNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice A; PINHEIRO, José de Queiroz. A abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, Definições e Implicações. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GUNTHER, Hartmut (Orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 369-396.
- HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LOPES, Maria Elisabete. **Metodologia de análise e implantação de acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida e dificuldade de comunicação**. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1993.
- MORGAN, David L. Focus Groups. **Annual Review of Sociology**, v.22, p. 129-152, 1996.
- OLIVEIRA, Mírian; FREITAS, Henrique M. R. de. Focus Group – pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. **Revista de Administração**, v.33, n.3, p.83-91. São Paulo, 1998.
- PINHEIRO, José de Queiroz; ELALI, Gleice A.; FERNANDES, Odara S. Observando a Interação Pessoa-Ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GUNTHER, Hartmut (Orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.75-104.
- QUEIROZ, Virginia Magliano. **Acessibilidade para pessoas com deficiência visual: uma análise de parques urbanos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- RESSEL, Lúcia Beatriz; BECK, Carmen Lúcia Colomé; GUALDA, Dulce Maria Rosa; HOFFMANN, Izabel Cristina; SILVA, Rosângela Marion da; SEHNEM, Gabriela Dutra. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**, 17 (4), p. 779-786. Florianópolis, 2008.
- ROMÉRO, Marcelo de Andrade; ORNSTEIN, Sheila Walbe (Coord. / Org.). **Avaliação Pós-Ocupação: métodos e técnicas aplicados à habitação social**. Porto Alegre: Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído (ANTAC) - Coleção Habitare, 2003.
- VALENTINI, Silvia M. R. **Os sentidos da paisagem**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de mestrado (Processo nº 2012/07916-8) junto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP: 2012 - 2014) e aos participantes dos grupos focais.